

# Editorial

“- Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, eroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. Me disseram, eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instintivamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem um maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade. O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossuras, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte (...).” (João Guimarães Rosa. “Grande sertão: veredas”)

Assim começa, na fala de Riobaldo, a incrível aventura com que João Guimarães Rosa nos brinda em sua obra prima d’ *alíngua* portuguesa “Grande sertão: veredas”.

Nonada. Segundo Luiz Ruffato:

Oprimeiroregistrodaexpressão“nonada”,segundooDicionário Houaiss, ocorre entre 1562 e 1575 na obra Sermões, de Diogo de Pava Andrade, significando “ninharia” – mesma acepção encontrada no Dicionário Aurélio, que acrescenta a informação de que se trata da junção da forma arcaica de ‘não’ + nada. O Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno, também nota a formação da palavra como “non+nada”, e amplia seu significado para “bagatela, coisa de nenhum valor, insignificância”. Laudelino Freire curiosamente (com certeza por conta de um cochilo

darevisão) consigna-a como substantivo masculino e dá como sua origem o castelhano nonada, “insignificância, bagatela, ninharia; cousa de pouca monta e avalia”, mais ou menos o que registra o Caldas Aulete. Finalmente, o Dicionário de la lengua española, da Real Academia Española, inscreve-a como formada por “noynada”, “cosa de insignificante valor”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Análise de “Grande sertão: veredas” feita por Juiz Ruffato para o 7º. Salão do livro “Encontro de literatura”, Belo Horizonte, 2006.

No final do livro, após escrever, sem caneta, sua história, Ribaldo diz: *Amável senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.*

O que é o homem humano? Nonada, insignificância, ninharia, perto dos “gerais sem tamanho”, já que “o sertão está em toda parte”. Nonada, dupla negação, é “não nada”. O que não é também, evidentemente, tudo. O que é “não nada” é “não tudo”. “Não-tudo”. Assim como o gozo de *alíngua*.

*Alíngua e o inconsciente real* é o tema da Revista *Stylus* número 19, que traz uma mostra bastante significativa do que nossa comunidade de trabalho nacional e internacional tem produzido a respeito do último ensino de Jacques Lacan.

Nesse número, teremos o privilégio de ler a conferência de Colette Soler “De que modo o real comanda a verdade”, proferida na X Jornada das Formações Clínicas do Rio de Janeiro em 2008 – cuja autorização para publicação agradecemos publicamente a autora. Poderemos acompanhar Soler em sua trilha pelas pegadas deixadas por Lacan, ao longo de seu ensino, rumo à elaboração dos conceitos de inconsciente real e *alíngua*, que exigirão uma revisão do modo como abordávamos até então as relações entre significante e gozo, e saber e verdade.

Na seção “Trabalho crítico com os conceitos”, publicamos os vigorosos e igualmente rigorosos textos de Antonio Quinet “Com *lalíngua* no corpo” e de Conrado Ramos “O périplo do sintoma no continente do nó borromeu”. O primeiro articula, com recortes clínicos precisos, a articulação entre corpo e *alíngua* no último ensino de Lacan e o *sinthoma* como letra. O segundo formaliza, através da topologia, o conceito de *sinthoma* como separador dos modos de gozo no final de uma análise.

Na seção “Direção do tratamento”, contamos com textos que abordam o âmago da experiência analítica e suas conseqüências para o *falaser*, através do que pode ser recolhido pela transmissão no dispositivo do passe. Os textos de Angela Diniz Costa, Carmen Galano e Silvia Franco formalizam essa experiência a partir de posições distintas: a do secretariado do passe – que tem a função de dobradiça, na entrada do dispositivo –, a de um membro do cartel

do passe e a da própria passante, que aqui dá o testemunho de sua passagem: *Travessia*.

Na seção “Ensaio”, trazemos o belíssimo texto de nossa colega espanhola Maria Luisa de la Oliva de Castro “A escrita e/ou a vida” que trabalha a questão da escrita através do livro de Jorge Semprún “A escrita ou a vida” e da obra de A. Nothomb. Também da Espanha, Mikel Plazaola e Juan Del Pozo articulam em seu texto as fronteiras do trabalho do psicanalista em instituição, no texto “O trabalho em instituições públicas, suplência do não-todo do analista? Qual a transmissão quando não se está em ‘analista?’” No texto “Sobre o sujeito não-UM: a heterogeneidade discursiva e a presença da *alíngua*”, Marcella Marjory Massolini Laureano e Daniela Scheinkman Chatelard partem de um diálogo entre análise de discurso e psicanálise para mostrar a heterogeneidade do sujeito nessa última, através da presença da *alíngua*.

E Rita Bícago Vogelaar resenha o mais recente livro de Antonio Quinet “A Estranheza da Psicanálise - A Escola de Lacan e seus analistas”.

*Last but not least*, Stylus 19 traz um *Thesaurus* – organizado por Dominique Fingerhann em francês e tornado bilíngue por Conrado Ramos –, trabalho de valor inestimável, contendo todas as citações sobre *alíngua* nos Seminários e nos textos escritos de Lacan, o que facilitará sobremaneira nossas pesquisas sobre esse conceito daqui em diante.

Mas, como sabemos, desde Russel, que “o catálogo de todos os catálogos” nos leva a um paradoxo lógico, podemos concluir, igualmente, que não podemos fazer o conjunto de “toda *alíngua*” sobre *alíngua*. Assim, me corrijo: nosso *Thesaurus* sobre *alíngua* é não-todo. Nonada. E, ainda assim, é muito.

Desejo a todos boa leitura!

